

# Lição 2. Deus como Criador: fé e evidência

Como o começo, a ordem e a moralidade do universo apontam para o Criador

*“Uma vez que o universo teve um começo, ele deve possuir uma causa que transcende o próprio tempo e espaço. Essa causa precisa ser necessariamente imaterial, eterna e imensamente poderosa, o que se aproxima muito do que o teísmo define como Deus.”*

**WILLIAM LANE CRAIG**



**A pergunta da aula:** se o universo teve começo, leis ajustadas e uma moralidade real, qual hipótese explica melhor tudo isso?

**A resposta em 30 segundos:** o começo do universo, o ajuste fino da natureza e a realidade da moralidade objetiva formam um caso cumulativo forte para o Criador descrito pela Bíblia.

**Guarde esta ideia:** a ciência descreve como o universo funciona; a filosofia pergunta por que existe um universo com leis, ordem e significado. O conjunto das evidências aponta para Deus.

## NESTA LIÇÃO VOCÊ VAI PASSAR POR TRÊS PISTAS:

01

### **Começo:**

o universo não é eterno.

02

### **Ajuste:**

as constantes da natureza são calibradas para permitir vida.

03

### **Moralidade:**

tratamos justiça e dignidade como reais, não como gosto pessoal.

## Antes de começar

Imagine que você pudesse rebobinar tudo: galáxias, estrelas, átomos, luz, espaço e tempo. O que haveria no primeiro instante?

Durante boa parte do século XX, muitos físicos imaginavam um universo eterno, sem início. Fred Hoyle defendeu essa visão com elegância. Mas novas descobertas apontaram para direção oposta: o universo teve um começo.

As evidências observadas por Hubble, a radiação cósmica de fundo e os modelos do Big Bang confirmaram essa mudança de paradigma. Hoje, a ciência aponta que o espaço, o tempo e a própria matéria não existiram desde sempre: eles tiveram um ponto de partida absoluto.

Para o teólogo, isso soa familiar. Para o filósofo, levanta uma pergunta profunda que a ciência, por método, não consegue responder sozinha: *por que existe algo em vez de nada?*

**Pare e pense:** a ciência procura explicar como a natureza funciona. Mas ela consegue explicar por que existe uma natureza em primeiro lugar?

## O que está em jogo

O objetivo desta lição é direto: avaliar se a origem do universo faz mais sentido sob a ótica de um Criador inteligente ou de um acaso cego.

O argumento cristão clássico, como defendido por William Lane Craig em *Reasonable Faith* (CRAIG, 2008), convida o leitor a um olhar investigativo: a mente criadora de Deus se revela como a explicação mais poderosa, lógica e coerente para o brilhante conjunto de evidências que observamos na natureza.

## Três perguntas que nascem da evidência

**Universo:** o universo teve um começo. Mas como tudo isso surgiu do nada?

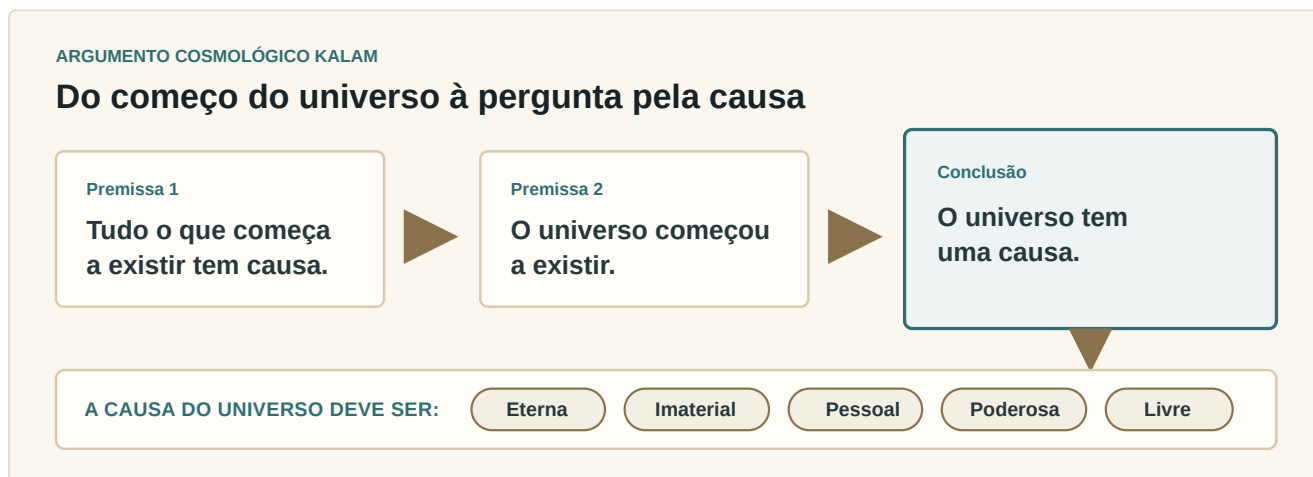
**Leis da natureza:** Porque as leis da física são tão perfeitamente ajustadas para que exista vida?

**Moralidade:** a psicologia e a evolução tentam explicar como as regras sociais surgem. Mas por que algumas coisas são realmente certas ou erradas, e não apenas preferências humanas?

## Pista 1: O universo começou

O argumento cosmológico Kalam pode ser colocado em três passos simples:

1. Tudo o que começa a existir tem uma causa.
2. O universo começou a existir.
3. Logo, o universo tem uma causa.



**O primeiro passo é puro bom senso: nada surge do nada.** Se as coisas pudessem começar a existir sem nenhuma causa, veríamos objetos (como telefones celulares, carros ou animais) brotando do vento espontaneamente na nossa frente a todo instante.

**O segundo passo** é onde a ciência moderna nos dá uma pista valiosa. Por muito tempo, a maioria das pessoas achava que o universo sempre tinha existido, sem início nem fim.

- **Mas no século XX tudo mudou:** os astrônomos descobriram que as galáxias estão se afastando umas das outras, ou seja, o universo está se expandindo. Se rodarmos o “filme” da história cósmica ao contrário, tudo o que existe (matéria, espaço e até o próprio tempo)

se comprime até voltar a um único ponto de partida. Isso significa que o universo teve um começo absoluto.

Como disse o astrofísico Robert Jastrow, agnóstico, ao comentar as implicações: “o cientista escalou a montanha da ignorância e, ao alcançar o pico mais alto, foi recebido por um grupo de teólogos que lá estavam há séculos” (JASTROW, 1978).

O teorema de Borde-Guth-Vilenkin reforçou matematicamente esse quadro: qualquer universo em expansão média positiva, inclusive modelos de multiverso inflacionário, precisa ter um início absoluto no passado finito, sem exceção (BORDE; GUTH; VILENKIN, 2003).

A conclusão é tão lógica quanto impactante. Se o espaço, o tempo e a própria matéria tiveram um começo, a Causa de todas essas coisas não pode estar limitada a elas. A origem do universo exige algo que exista “do lado de fora” da natureza e que seja imaterial, atemporal e de grande poder.

### A Causa do Universo é Pessoal?

Pensadores como William Lane Craig demonstram que essa causa também precisa ser **pessoal**, dotada de mente e vontade (CRAIG, 2008).

Se a causa do universo fosse apenas uma força mecânica e impessoal, o seu efeito (o universo) existiria desde sempre, assim como um aquecedor ligado eternamente manteria um quarto sempre quente. O fato de o universo ter um “ponto de partida” no tempo significa que a sua Causa tomou a **decisão** de criá-lo em um momento específico.

Forças físicas cegas não tomam decisões; apenas mentes conscientes têm liberdade para escolher. Portanto, o início do universo não aponta para um mero princípio cego, mas para **Alguém**.

## Pista 2: O universo é ajustado de modo a permitir vida

O universo funciona com base em forças e constantes físicas, como gravidade, força nuclear, velocidade da luz e densidade de energia do espaço.

O ponto impressionante é que as forças e constantes físicas precisam estar dentro de valores perfeitamente ajustados para que estrelas, planetas, átomos complexos e vida sejam possíveis.

Para se ter uma ideia, o físico britânico Martin Rees (um autor não teísta) escreveu o livro *Just Six Numbers* detalhando seis “números” na física tão exatamente calibrados que a mais microscópica variação em qualquer um deles tornaria o universo incapaz de sustentar vida (REES, 2000). E essas seis constantes são apenas a ponta do iceberg: hoje, físicos já catalogaram dezenas de outros fatores na natureza operando juntos nessa mesma sintonia perfeita.

Na prática, o que acontece se mexermos nesses “botões”? Se a força que mantém o núcleo dos átomos unido fosse apenas um pouquinho mais fraca, a água nunca poderia existir. Se o peso de um elétron fosse minimamente diferente, nenhuma reação química seria possível. A precisão é tão chocante que o astrônomo Fred Hoyle, que foi ateu convicto por grande parte da vida, ficou abalado ao calcular a matemática necessária para que as estrelas produzissem carbono (o elemento base da vida). Ele chegou a admitir que as leis da física parecem ter sido intencionalmente programadas por um “superintelecto” (apud MEYER, 2021).

Para entender a precisão extrema do ajuste fino, os cientistas costumam dar o exemplo da constante cosmológica (a força que controla a expansão do universo). A precisão exigida para o seu valor é de uma parte em  $10^{120}$  (o número 1 seguido de 120 zeros).

Para visualizar isso, imagine um botão giratório com  $10^{120}$  posições possíveis. A chance de o ponteiro parar por acaso exatamente na única opção que permite a vida é tão infinitamente pequena que qualquer desvio milimétrico ao girá-lo tornaria o universo inteiramente inabitável.



Hugh Ross cataloga mais de cem constantes e condições relacionadas à habitabilidade cósmica e estima a probabilidade combinada de um universo habitável surgir por acaso como menor do

que 1 em  $10^{138}$  (ROSS, 2018). Stephen Meyer conclui que a hipótese teísta explica esse padrão melhor do que as alternativas naturalistas disponíveis (MEYER, 2021).

O renomado físico Roger Penrose (ganhador do Prêmio Nobel) calculou que a chance de o nosso universo ter nascido com a perfeita organização que tem, em vez de se tornar uma bagunça caótica, é tão absurdamente pequena que é impossível explicar essa ordem por mero acaso (PENROSE, 2010).

**Se você só lembrar de uma frase:** a precisão extrema das leis da física evidencia que o universo não é um acidente cósmico, mas uma casa planejada sob medida para a vida.

## E a hipótese do multiverso?

---

A tentativa mais comum de explicar o ajuste fino sem recorrer a Deus é a hipótese do multiverso. A ideia é simples: se existem muitos universos, talvez infinitos, com combinações diferentes de constantes físicas, talvez em um deles os valores permitam vida. Nós estaríamos justamente naquele que “deu a sorte” de ter a combinação certa.

Essa é uma ideia interessante e merece respeito. Mas, quando é usada para tentar “eliminar” a necessidade de um Criador, ela promete muito mais do que pode entregar. Na verdade, a hipótese do multiverso esbarra em obstáculos científicos e lógicos profundos.

## Quatro dificuldades do multiverso

### 1. Zero evidências reais.

Não existe nenhuma prova física ou experimental de outros universos. O multiverso é apenas uma hipótese matemática escrita no papel, e não uma descoberta real observada no espaço por nossos telescópios.

### 2. Ele ainda precisaria de um começo.

Mesmo que existissem outros universos, as leis da física provam que a própria “máquina” geradora de universos precisaria ter tido um início absoluto no passado. O problema da origem não foi resolvido.

### 3. O mistério só muda de andar.

Para conseguir fabricar universos funcionais e variados, o próprio mecanismo do multiverso precisaria de leis e configurações ultraprecisas. Você não elimina o design inteligente; apenas o empurra um nível para cima.

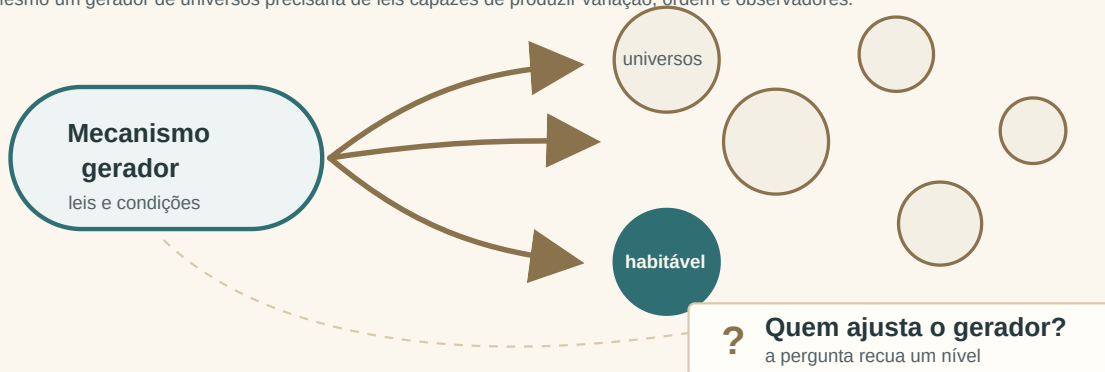
### 4. É muita ordem para ser acidente.

Se tudo fosse gerado por um gigantesco “sorteio cósmico” aleatório, a probabilidade aponta que deveríamos viver em um universo caótico, talvez com apenas um minúsculo “oásis” acidental de vida. No entanto, observamos um universo gigante e estruturado com leis precisas de ponta a ponta. O mero acaso não consegue explicar tanta harmonia.

#### MULTIVERSO

### A hipótese multiplica universos, mas não elimina a pergunta

Mesmo um gerador de universos precisaria de leis capazes de produzir variação, ordem e observadores.



## Pista 3: A moralidade parece real

A terceira linha de evidência não vem da cosmologia nem da física. Ela vem de uma experiência humana universal: tratamos justiça, dignidade e amor como realidades verdadeiras.

Quando dizemos que a escravidão era errada mesmo quando muitas culturas a aprovavam, não estamos expressando apenas gosto pessoal. Estamos dizendo que ela era objetivamente errada. Quando um estudante universitário defende direitos humanos, dignidade das pessoas e justiça para os oprimidos, ele apela a padrões que considera universalmente válidos.

C.S. Lewis, antes de se tornar cristão, precisou lidar com essa questão (LEWIS, 2017). Ele percebeu que, ao chamar o universo de injusto, estava comparando o universo com um padrão real de justiça. Mas de onde vem esse padrão?

William Lane Craig apresenta o argumento em termos diretos: se Deus não existe, valores morais objetivos não existem; mas valores morais objetivos existem; portanto, Deus existe (CRAIG, 2008).

**Importante:** o ponto não é dizer que ateus não são morais. Muitos vivem de modo admirável. A questão é outra: em um universo puramente materialista, qual é o fundamento de valores morais objetivos?

Em um cosmos sem Deus, a moralidade tende a virar preferência evolutiva, pressão social ou acordo cultural. Esses fatores explicam como crenças morais podem surgir, mas não explicam por que algumas coisas seriam realmente boas ou más. Usá-los como se resolvessem a moralidade objetiva é confundir descrição com fundamento. A experiência humana insiste que justiça, dignidade e amor são mais do que biologia. Essa percepção combina profundamente com a fé em um Deus moral.

## Objecções comuns

### Objecção 1: “Quem criou Deus?”

A pergunta é importante, mas precisa ser colocada dentro do argumento correto. A premissa não é “tudo tem causa”, mas “tudo o que começa a existir tem causa”. Deus, na concepção clássica, não começou a existir. Ele é entendido como ser necessário, eterno e incondicionado.

Isso não é truque retórico. É a tentativa de evitar um regresso infinito. Em algum ponto, o pensamento racional precisa chegar a algo que existe por si mesmo. A pergunta é qual

opção explica melhor a realidade: matéria eterna, hipótese pressionada pela cosmologia contemporânea, ou um ser pessoal eterno?

### **Objecção 2: “Isso aponta apenas para o Deus dos filósofos?”**

Essa pergunta é honesta. Os argumentos desta lição não demonstram, isoladamente, todas as doutrinas cristãs. Eles apontam para um Ser pessoal, eterno, imaterial, poderoso e moralmente perfeito.

Esse conjunto é exatamente o que o teísmo cristão sempre afirmou sobre Deus. A partir daqui, as perguntas sobre a ressurreição (Lição 5) e sobre a confiabilidade das Escrituras (Lição 6) constroem o caso específico do cristianismo. A lógica é cumulativa.

## **Para conversar na universidade**

Na aula de física ou cosmologia, o Big Bang pode ser apresentado como uma explicação científica da história inicial do universo. Isso é valioso. Mas ele não substitui a pergunta pela criação: o Big Bang descreve como o universo se desdobrou a partir de um estado inicial; ele não explica por que existe um estado inicial nem por que há leis capazes de governá-lo.

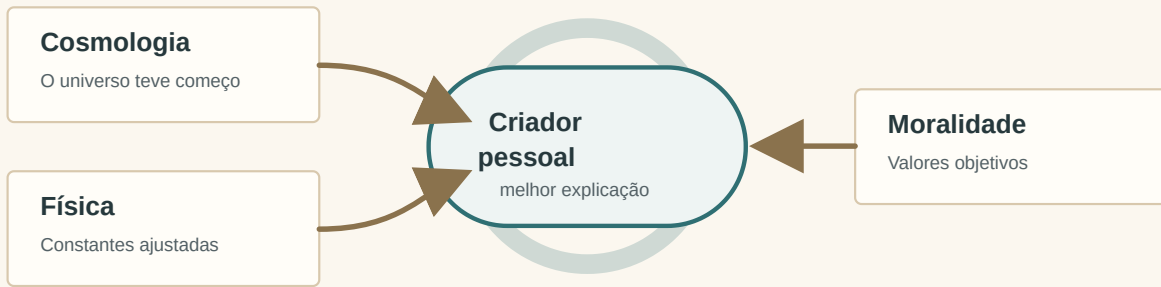
**Uma pergunta que abre conversa:** “A ciência descreve as leis da natureza. Mas de onde vêm as próprias leis?”

Essa pergunta não precisa soar agressiva. Ela apenas muda o nível da conversa. Em vez de opor ciência e fé, ela pergunta pelos fundamentos da ciência.

## **Fechando o caso**

A pergunta “Deus existe?” ganha força quando várias linhas independentes convergem na mesma direção.

## Três caminhos independentes apontam na mesma direção



### O caso cumulativo

- **Cosmologia:** o universo teve começo.
- **Física:** as constantes da natureza parecem ajustadas para permitir vida.
- **Moralidade:** tratamos justiça, dignidade e amor como realidades objetivas.
- **Conclusão:** a hipótese de um Criador pessoal, eterno, poderoso e moralmente perfeito explica esse conjunto de evidências de modo forte e coerente.

Nenhum desses argumentos fecha todo o caso cristão sozinho. Mas quando os três apontam para o mesmo lugar, a conclusão merece atenção. **A fé cristã, vista por esse ângulo, é confiança iluminada por razões.**

**Uma frase para guardar:** a fé cristã não pede que você desligue a mente; ela convida você a seguir as pistas até onde elas levam.

## Explore mais

- CRAIG, William Lane. *Em guarda: defenda a fé cristã com razão e precisão*. São Paulo: Vida Nova, 2011. Introdução acessível aos argumentos centrais pela existência de Deus e pela verdade do cristianismo, incluindo cosmologia, ajuste fino e moralidade.
- STROBEL, Lee. *Em defesa da fé: um jornalista investiga as mais duras objeções ao cristianismo*. São Paulo: Vida, 2002. Uma investigação acessível que responde de forma sólida às maiores dúvidas e obstáculos intelectuais à fé cristã, conversando com grandes pensadores.

- GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Vida, 2006. Apresentação clara e popular do caso cumulativo para o teísmo cristão, com atenção especial ao universo, à vida e à razão.
- LENNOX, John C. *Por que a ciência não consegue enterrar Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. Boa ponte entre cosmologia, leis da natureza, limites da explicação científica e a pergunta por um Criador.
- MEYER, Stephen C. *Return of the God Hypothesis*. New York: HarperOne, 2021. Síntese recente e importante, ainda sem edição portuguesa consolidada, sobre início do universo, ajuste fino e informação biológica como evidências convergentes para um Criador.
- Site *Reasonable Faith* em português: <https://pt.reasonablefaith.org>. Artigos traduzidos sobre filosofia da religião, argumentos cosmológicos e debates com ateus contemporâneos.

Lição anterior: *Ciência e fé: conflito inevitável ou falso dilema?*

**Próxima lição:** *A origem da vida: acaso ou propósito?*

## Referências

- BORDE, Arvind; GUTH, Alan H.; VILENKIN, Alexander. Inflationary spacetimes are incomplete in past directions. *Physical Review Letters*, v. 90, n. 15, artigo 151301, 2003. DOI: 10.1103/PhysRevLett.90.151301. Disponível em: <https://doi.org/10.1103/PhysRevLett.90.151301>.
- CRAIG, William Lane. *Reasonable Faith: Christian Truth and Apologetics*. 3. ed. Wheaton: Crossway, 2008.
- HAWKING, Stephen. *A Brief History of Time*. New York: Bantam Books, 1988.
- HUBBLE, Edwin. A relation between distance and radial velocity among extra-galactic nebulae. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 15, n. 3, p. 168–173, 1929. DOI: 10.1073/pnas.15.3.168.
- JASTROW, Robert. *God and the Astronomers*. New York: W. W. Norton, 1978.
- LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. Tradução Gabriele Greggersen. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- MEYER, Stephen C. *Return of the God Hypothesis: Three Scientific Discoveries That Reveal the Mind Behind the Universe*. New York: HarperOne, 2021.
- PENROSE, Roger. *Cycles of Time: An Extraordinary New View of the Universe*. New York: Knopf, 2010.
- REES, Martin. *Just Six Numbers: The Deep Forces That Shape the Universe*. New York: Basic Books, 2000.

ROSS, Hugh. *The Creator and the Cosmos*. 4. ed. Covina: RTB Press, 2018.

TUREK, Frank. *Stealing from God: Why Atheists Need God to Make Their Case*. Colorado Springs: NavPress, 2014.